

INVENTARIANDO O PATRIMÔNIO URBANO NÃO-TOMBADO:

Campo Casarão - Vila Augusta, Guarulhos-SP

Inventorying the urban un-tombled patrimony: Country House - Augusta Village,
Guarulhos-SP

Aline Canuto da Silva¹

Artigo recebido em: 25/07/2020.

Artigo aceito em: 25/09/2020.

RESUMO

Esse texto trás a experiência de campo e identificação de patrimônio edificado não-tombado no município de Guarulhos-SP, em via do instrumento de inventário do patrimônio, baseado no modelo do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC). Entendendo o inventário como formatador do ato de historiar e preservar, remontamos textuais, iconografia e bibliografia visando a trajetória, particularidades, pluralidade dos usos e as relações sociais e atores em torno da edificação. Mobilizando análises de Atique (1999; 2016), Lerner e Serra (2010) e Pignatarri et all (2020), problematizamos a temática da representatividade do patrimônio cultural urbano nas dinâmicas de espacialidade em âmbito público-privado, isto é, a existência e/ou ausência(s) de políticas e práticas de preservação, em face de outras políticas pactuadas, como da especulação imobiliária.

PALAVRAS-CHAVE: Inventário. Espacialidades. Preservação. Patrimônio urbano. Guarulhos.

ABSTRACT

This text brings the field experience and identification of non-tombled patrimony built in the municipality of Guarulhos-SP, via the patrimony inventory instrument, based on the INEPAC model. Understanding the inventory as a formatter of the act of history and preservation, we retrace textual, iconography and bibliography aiming at the trajectory, particularities, plurality of uses and social relations and actors around the building. Mobilizing analyses from Atique (1999; 2016), Lerner and Serra (2010) and Pignatarri et all (2020), we problematize the theme of the representativeness of urban cultural patrimony in the dynamics of spatiality in the public-private sphere, that is, the existence and/or absence(s) of policies and practices of preservation, in the face of other policies agreed upon, such as real estate speculation.

KEYWORDS: Inventory. Spatialities. Preservation. Urban patrimony. Guarulhos.

¹ Mestranda em História na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH-Unifesp). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Cidade, Arquitetura e Preservação em Perspectiva Histórica (CAPPH), sediado na mesma instituição. Possui graduação em História pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5493643964194937>. E-mail: alinecanuto7@hotmail.com

Introdução

Ao longo desse texto examinamos um exemplar do patrimônio não-tombado da área urbana de Guarulhos: o Campo Casarão. Tomamos por método-base o modelo de inventário do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC).² O inventário do INEPAC nasceu da iniciativa no início da década, por um grupo de pesquisadores preservacionistas, em inventariar bens edificados na ambiência de áreas rurais remanescentes da ocupação cafeeira no Vale do Paraíba Fluminense. Uma operação de reconhecimento dos exemplares como depositários da identidade cultural e histórica construída no território ao longo do tempo. Mas que constituem em sua singularidade um cinturão anônimo de bens não-alcançados pela salvaguarda da *regulação patrimonial*, como o tombamento. Assim, o inventário em si como o próprio *instrumento de preservação patrimonial*. Pondo em perspectiva ainda, também, esta rede de *criação de incentivos* - os atores no âmbito da iniciativa privada, como agentes-promotores no alcance da trajetória histórica como das revitalizações e reinserção de exemplares das fazendas e envoltório remanescentes, sobre um arranjo mantenedor exploratório em face do turismo e lazer regional (LERNER, 2010, p.1). Dessa forma, como explica Mozart Vitor Serra (2010),

[o] Inventário advoga, por si só, por uma perspectiva de preservação do seu todo. Ou seja, advoga pela preservação da paisagem regional, cultural e econômica por elas formada, e não somente pela preservação de alguns de seus exemplares. Em segundo lugar, ao indicar quantas são estas fazendas, onde se localizam, como são, qual seu estado de conservação e quem são os seus proprietários, o Inventário provê os elementos para [estas] duas estratégias importantes de preservação. (SERRA, 2010, p.1)

Os inventários podem ser um ato de historiar, reconhecer e documentar, que perpetua o espaço e o exemplar material existente e (não-)salvaguardado, na contraface dos esquecimentos, ao passo que intervém e/ou subscreve sobre uma realidade

2 A proposta nasceu no escopo da disciplina de História, Espaço e Patrimônio Edificado, do Pesquisador-Arquiteto Fernando Atique, no Departamento de História da Universidade Federal de São Paulo, especificamente entre os meses de maio e julho de 2017.

social e economicamente construída. Se interpõem pela permanência do bem, em meio a um processo modulado por fenômenos de *perda iminente* e da *urgência*, por um processo de mudanças espaciais, impulsionadas pela emergência de demandas relacionadas à especulação imobiliária, ao adensamento populacional no modo de ocupação do solo urbano, mas também à ausência de adequação das políticas públicas para a manutenção e a sobrevivência do patrimônio de “importância histórica, arquitetônica, urbanística, paisagística, afetiva, etc., que lhe é atribuída como lugar de memória” (LERNER, 2010, p.1), na espacialidade urbana.

Em se tratando de ausências, no campo das disputas que fazem a produção do espaço urbano, revelam-se políticas pactuadas – e, a exemplo do município de Guarulhos em foco da investigação, pesquisadores locais como Carlos Alexandre Costa Pignatari, Jefferson Mariano, Renan Antônio da Silva e Luci Mendes de Melo Bonini (2020), nos pontuam que

[a] trajetória histórica de Guarulhos o coloca como um dos mais antigos municípios do país, o que traz em seu arcabouço uma riqueza patrimonial, que nem sempre é contemplada nas políticas culturais [uma via de levar ao cidadão uma formação humanizada], já que houve a opção pelo desenvolvimento econômico [...]. Assim alguns patrimônios se desvaneceram sem deixar marcas, outros deixaram apenas sombras (PIGNATARI et al, 2020, p.15).

Com isso, a partir da experiência pela via do inventário - seja na observância descritiva e analítica, tanto da materialidade existente, na “observação, uso e gozo do testemunho arquitetônico e outros” (SERRA, 2010, p.1), que indicam as sobrecamadas de tempo como da história e da memória social de um sistema construtivo, arranjos familiares, mercantilização e recepção, isto é, ressignificações na sociabilidade do bem cultural dentro da relação que faz a *cidade e seus artefatos* (ATIQUÉ, 2016, p.164), o que intentamos aqui é propor subsídios para uma reflexão. Explorando ainda o inverso da questão preservacionista, isto é, como o lugar pode ser tornado *obsoleto*, não apenas pelas práticas especulativas do entorno, como por ações e discursos construídos em demandas que passam por agentes particulares –

gestores locais destas estruturas urbanas (ATIQUÉ, 2016, p.153) –, em perspectiva do uso da *ruína*.

No estudo de caso apresentado, o estado de ruína no bojo das ausências e disputas entre “uma fonte de renda para a gestão local e uma necessidade marcadora de identidade, de pertencimento, de apropriação do passado” (PIGNATARI et al, 2020, p.11), aparece como um fenômeno contraditoriamente portador e perpetuador da permanência na sociabilidade em abrigo do lugar, no uso mantenedor na mercantilização exploratória deste bem não-tombado. Assim, esse artigo procura mostrar uma relação complexa que constitui a situação de diversos exemplares locais na ambiência de setores residenciais em Guarulhos, e que necessitam de um olhar por parte das demais políticas (culturais como também de desenvolvimento e revitalização de áreas), e dos pesquisadores preservacionistas, acerca destes patrimônios urbanos que passam por este outro processo – de uma política do avesso da preservação, do esquecimento e do esfrelamento à conta-gotas na cidade (ATIQUÉ, 1999, pp. 1, 2, 5).

Contextualizando o bem não-tombado: situação e ambiência

O nosso estudo de caso abarcou o Campo Casarão. Numa primeira etapa de produção da ficha de campo – a identificação, a partir de visitas locais para o levantamento fotográfico e pesquisa bibliográfica acerca do entorno, reunimos na ficha preliminar, dados que compunham sua espacialidade e prática atualmente existente.

Figura 1: Exemplo de Ficha de Identificação: Campo Casarão – Guarulhos.



Fonte: Ficha Descritiva organizada por xxx.

O Campo Casarão está localizado na região de Vila Augusta, um bairro de uso misto – residencial, comércio e serviços (VILA, 2016, p.23) –, considerado área nobre do município. Apresenta grande especulação imobiliária (Fig. 2 /f1 e f2), devido às características de acesso fácil e proximidade a outros bairros, bem como de bairros paulistanos (Penha e Tatuapé); das Avenidas Guarulhos e Tiradentes; das principais avenidas, como a Avenida Humberto de Alencar Castelo Branco; das rodovias Presidente Dutra e Fernão Dias; do Internacional Shopping; e de uma área verde, o Parque Municipal Júlio Fracalanza. (VILA 2012, p.1)

Atualmente, a área adjacente ao casarão é utilizada pela Liga Ponto de Encontro (PROJETO, 2017), no que abrange o ginásio (anexo na adjacência esquerda), funcional para partidas regionais de futsal; o 1º andar (anexo de dois pavimentos na parte posterior do ginásio), funcional como sede da Liga Ponto de

Encontro, do Jornal Ponto de Encontro, do Clube Atlético Guarulhense, da ABCD Promenor e do UP Sport's; e o 2º andar, funcional como sede do Badminton, da Rádio Ponto de Encontro e da TV Ponto de Encontro. Finalmente, um segundo anexo de dois pavimentos, com um corredor de ligação à direita, no térreo, funcional como sede do Ira Paintball, e como acesso ao casarão (Fig. 2 / f3, f4, f5).

Figura 2: Registro fotográfico da parte externa e adjacência: Campo Casarão-Guarulhos.



Fonte: Fotografia e Ficha Descritiva organizada por xxx. (Foto: Acervo Pessoal).

A operação de inventariar: produtos da experiência

Ainda no estudo preliminar de identificação da edificação, percorremos suas dependências internas e externas, registrando fotograficamente os percursos, coletando subsídios para um primeiro relato descritivo, em foco do seu aspecto legal - a partir do levantamento de documentos em órgãos públicos, como as cópias do registro escriturário de posse em cartório e Habilitar-se, com o croqui -; seu aspecto técnico, isto é, o programa construtivo, estrutural e arquitetônico; e o seu atual estado de conservação. A reunião destas informações constituíram uma ficha geral de campo,

composta de anexos que detalham a edificação e o espaço, e que nós apresentamos, como segue:

Figura 3: Mapeamento de patrimônio urbano não-tombado em Guarulhos.

ASPECTOS LEGAIS
Proprietário legal atual Família Almeida Prado.
Ocupante atual do imóvel Ira Paintball Guarulhos.
Cadastro do imóvel na prefeitura Transcrição n.28.234.
Escritura do imóvel Alçada do Cartório 1º Oficial de Registro de Imóveis da Comarca de Guarulhos/SP, desde o seu 1º registro, datado de 02/03/1956.
ASPECTOS TÉCNICOS
Autoria do projeto Na planta baixa obtida, a autoria de projeto identificada não se associa ao casarão, mas sim ao projeto da construção de uma escola, nas dependências externas deste, executada em 1978, e aprovada em 1982.
Sistema construtivo O Campo Casarão consiste das alvenarias de tijolo de barro maciço assentado por cimento (paredes), e de madeira (estrutura de sustentação do telhado).
Programa arquitetônico O Campo Casarão se divide em dois pavimentos. O pavimento superior consiste de dez ambientes, com as seguintes funções: uma área, de 1,00 x 3,50m; um <i>living</i> , de 3,55 x 8,60m; uma sala de jantar, de 6,20 x 9,80m; uma circulação, de 1,40m; um dormitório, de 4,60 x 7,10m; um banheiro, de 1,40 x 4,00 x 2,50 x 3,00; um lavabo, de 1,00 x 1,50; uma copa, de 4,00 x 6,70; uma cozinha, de 2,00 x 3,00; um acesso de escadaria, com 1,00; e outra área, de 1,60 x 4,25. Já o pavimento térreo consiste de quinze ambientes, com as seguintes funções: dois banheiros, medindo, respectivamente, 5,90 x 3,60 e 2,20, além de mais dois, medindo, respectivamente, 1,50 x 3,90; um ambiente sem função específica, de 1,00 x 1,40; três dormitórios, medindo, respectivamente, 2,50 x 3,90 x 4,00, e 3,00 x 3,90; um <i>closet</i> , de 1,00 x 2,60; uma sala de espera, de 4,75 x 6,20; uma sala de TV, de 3,90 x 4,00; um escritório, de 3,55 x 3,90; uma circulação, de 1,40; uma sala específica de gaz, de 1,80 x 3,40; e uma despensa, de 3,40 x 7,50.
Área do imóvel O terreno possui uma área de cerca de 2.370,00 m ² , com 41,00 m de frente e 58,00 m de profundidade.
Aspectos formais (externos) A construção, concebida na tipologia de casarão, é constituída por dois pavimentos, um corpo principal retangular e dois corpos semicirculares – frontal e lateral esquerdo – projetados a partir deste, numa sinuosidade própria do estilo floreal. (f06)
O corpo principal apresenta um telhado piramidal de base quadrangular, composto por telha cerâmica francesa, com quatro águas, quatro espigões e uma cumecira. Já as formas semicirculares, projetadas a partir do corpo, se constituem de um telhado de alpendre em formato hexagonal, também de telha cerâmica francesa, com

com quatro águas, quatro espigões e uma cumecira. Já as formas semicirculares, projetadas a partir do corpo, se constituem de um telhado de alpendre em formato hexagonal, também de telha cerâmica francesa, com quatro águas, quatro espigões e quatro telhas de ponta (f07 e f08).

Os beirais, horizontalmente dispostos, possuem forro em gesso estuque, e apresentam cercaduras na coloração azul profundo⁶, e cimalha em redondo de gesso (f09).



06

07



08

09

O acesso é precedido por um portão de tela – não-original – (f10) acrescido no centro de um muro baixo em alvenaria de tijolos, mas com acréscimo de blocos de concreto em elevação dos pilares – oito ao todo – (f11); por um conjunto de oito placas com quatro espelhos entalados com motivos de folhas, ambos em estuque (f12); e por outro conjunto de sete grades de concreto armado pré-moldada em coloração damasco, e decorada com estrela com coloração azul profundo. (f13)

O acesso da construção, dando diretamente para o pavimento superior, se faz por três degraus de convite (f14), dispostos entre dois pilares quadrangulares, de pedra, que dão para dez degraus trapezoidais em laje, duplamente dispostos (f15), e circundados por guarda-corpo em gradil ornamental folheado de ferro forjado, como mecanismo decorativo, em mais uma característica – o uso de novos materiais – do art nouveau. (f16).



10



12



13



14



15



16

Uma varanda alpendrada garante a entrada principal, sendo composta por duas aberturas laterais, possuindo um forro em estuque; duas colunas galbadas com fuste liso na coloração tâmara, apoia sobre um guarda-corpo cheio (f17) – vazado apenas pelos seis espelhos na altura superior horizontal, em estuque, entalados por molduras com motivo de folhas, na parte superior horizontal (f18); e pelos dois respiros elipsados, com gradis ornamentais, de ferro forjado e vidro, na parte inferior vertical (f19).

A entrada, por sua vez, à direita da qual há um oráculo de função decorativa, composto por gradil de ornamental folhado de ferro forjado e vidro opaco (f20), corresponde a uma porta de duas folhas de abrir, de ferro fundido e vidro opaco, possuindo gradis de ornamentais folhados, de ferro forjado (f21).

A faixa principal apresenta, em esquadrias verticais, duas janelas de correr, de ferro fundido e vidro, com bandeira e quatro folhas, e possuindo gradis de ornamentais folhados de ferro forjado, arremate de cimalha de sobreverga e peitoril externo, em estuque (f22).



17



18



19



20



21



22

A fachada lateral esquerda, que apresenta uma coloração de faixas em damasco e azul profundo, dispõe, na projeção circular, no meio centro, de um conjunto de cinco vitrais artísticos, em esquadria vertical, de vidro colorido, com motivos de art nouveau, arrematados por cimalha de sobreverga em estuque. (f23, f24 e f25)

Abaixo deste conjunto, há uma janela fixa em esquadria horizontal no centro, e duas janelas fixas, em esquadria vertical, em cada extremidade, 22 possuindo gradis de ornamental folhado de ferro forjado e vidro, cimalha de sobreverga e peitoril, em estuque. (f26)

À esquerda do conjunto, há duas janelas, em esquadrias horizontais, basculante, de quatro folhas, de ferro fundido e vidro; abaixo, mais duas janelas, em esquadria vertical, de quatro folhas, basculante, com gradis, existindo também ao lado destas, uma entrada lateral (sem porta). (f27) Já à direita deste corpo, percorre uma

Fonte: Fotografia e Ficha Descritiva organizada por xxx. (Foto: Acervo Pessoal).

Figura 4: Mapeamento de patrimônio urbano não-tombado em Guarulhos.

calha de PVC – parte de um sistema distribuído frontal e lateralmente –, havendo ainda mais duas janelas – uma, em esquadria horizontal, do mesmo padrão daquelas frontais, e a outra, também horizontal e com os mesmos gradis, porém, de madeira, veneziana, de quatro folhas de correr. (f.28)

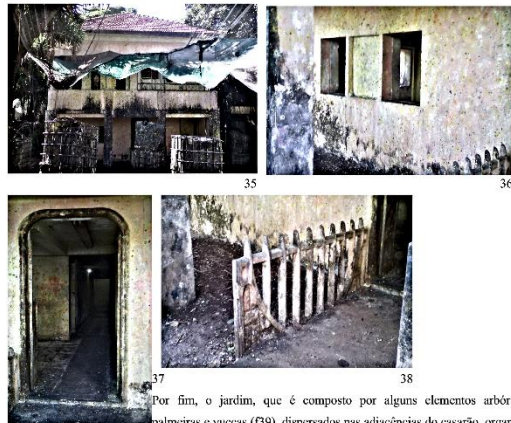


A fachada lateral direita (f.29), que apresenta apenas a coloração damasco, e um outro padrão – reto – possui, em cada extremidade desta, em esquadria horizontal, janelas de ângulo de correr, de madeira, veneziana, com quatro folhas de correr – sendo que, ao lado da primeira, há uma segunda janela de mesmo padrão (f.30). Desta segue um conjunto de três janelas vazias (f.31). Acima, duas esquadrias verticais com gradis de ornamental folhado de ferro fundido e, por fora, duas folhas de abrir de madeira, veneziana (f.32). Acima destas, novo conjunto de três janelas vazias (f.33). Já à direita, um terceiro conjunto de rampa, sob o mesmo padrão, apenas

com o diferencial de gradis. Todas as janelas possuem cimbalha de sobreverga e peitoril em estuque. (f.34)



A fachada posterior, que dispõe já de uma outra coloração de tinta, em amarelo (f.35), apresenta uma pequena área externa com quatro pilares de sustentação, que possui, à esquerda, um quarto conjunto de três janelas vazias – uma, porém, concretada – (f.36), e no centro, uma entrada para o interior, em esquadria arredondada de madeira (sem porta) (f.37), com um pequeno caminho direcionado por um cercado de concreto em coloração damasco. (f.38)



Por fim, o jardim, que é composto por alguns elementos arbóreos, como palmeiras e yuccas (f.39), dispersados nas adjacências do casarão, organizados por elementos de paisagismo, como terra adubada, calçada de jardim, de cimento queimado, e com desenho circular frontalmente e retangular nas laterais e nos fundos (f.40), conta com um chafariz de gesso, possuindo uma concha no topo, duas taças e dois pratos, sustentadas por coluna dórica, ornada com figuras femininas, humanas e aquáticas, da natureza, próprio do estilo art nouveau. (f.41, f.42 e f.43)



Aspectos formais (internos)

No casarão, o piso se apresenta quase que na sua totalidade composto de uma cerâmica de cor branca, e rodapés em gesso. (f.44) Com exceção de dois ambientes posteriores do pavimento superior, que corresponderiam à cozinha e à sala de gás, com dois padrões de piso distintos, de um mesmo material: lajota de barro na cor laranja. (f.45 e f.46)



Fonte: Fotografia e Ficha Descritiva organizada por xxx. (Foto: Acervo Pessoal).

Figura 5: Mapeamento de patrimônio urbano não-tombado em Guarulhos.



Boa parte dos ambientes possuem forro (f59). Já outros, localizados sobretudo no pavimento superior, como a sala de gás (f60), um dos banheiros (f61), e as circulações (f62), têm a estrutura em madeira aparente.



59

60



61

62

Mais notório neste pavimento, é o ambiente que imediatamente segue a entrada principal, mostrando a centralidade da estrutura de madeira da sustentação do telhado, em tesoura simples, contendo cumecira, empena, pendural, escora, ripa, caibro, engaste em frechal, além da segunda estrutura de sustentação do forro. (f63) Não obstante, a estrutura de madeiramento da forma circular na lateral direita (f64). Aliás, também visível a estrutura da forma circular frontal externa. (f65) E uma coluna de tijolo na base de sustentação. (f67)



64

65



66

67

Detalhamento do estado de conservação

O casarão, embora mantenha características peculiares nas formas arquitetônicas, apresenta um péssimo estado de conservação. Os gradis, esquadrias e corrimão em material de ferro, estão totalmente oxidados (f68). Já os vidros das esquadrias se encontram, sem exceção, quebrados. (ver f22, f26, f27 e f28)



A estrutura de sustentação do telhado e do forro parece estável, mas as madeiras sofrem deterioração por infiltração, uma vez que há frechas e, conseqüentemente, passagens de água no telhado. Aliás, aparentemente, o forro de gesso estuque da forma circular da fachada frontal já cedeu, devido a este problema. (ver f65, f66)

Há estufamento em algumas paredes (ver f25, f34). Há também, e recorrente, manifestações de bolor ou manchas

68 enegrecidas e/ou esverdeadas em todas as fachadas, concentrando-se sobretudo de baixo para cima, indicando forte infiltração a partir do solo (ver f17, f18, f21, f30, f35 e f36). O mesmo se verifica na parede do ambiente principal – internamente, o mais desgastado –, e no seu piso. (f69)

Aliás, problema semelhante nos ladrilhos hidráulicos do ambiente que antecede o acesso à cozinha (f70)



69

70

Há uma grossa camada de sujeira não identificada presente em todos os pisos (ver f44, f45 e f46). E também diversas manchas de tinta (não-removidas) nos pisos hidráulicos (f71) e também nas paredes internas, somando-se com o desgaste do sistema de pintura.

Fonte: Fotografia e Ficha Descritiva organizada por xxx. (Acervo Pessoal).

Figura 6: Mapeamento de patrimônio urbano não-tombado em Guarulhos.



71

Partes do beiral frontal e da lateral esquerda – incluindo tenhas – já cederam. (f72, f73, f74 e f75)

72

73

74

75

Fonte: Fotografia e Ficha Descritiva organizada por xxx. (Foto: Acervo Pessoal)

Aspectos históricos: as transformações do espaço desde sua construção

Numa segunda etapa da ficha de inventário, de enfoque analítico, procedemos em apresentar um histórico das mudanças na materialidade existente, remontando às demandas por usos e ocupações, que nós verificamos com a visitação de campo e no cruzamento documental.

É previsível a mudança no entorno e na rua pelo processo especulativo que levou à descaracterização da configuração residencial em praticamente toda a sua extensão (VER Fig. 2 / f2 e f3), dando um ar privativo que, trazendo o elemento do afluxo de veículos, notavelmente incompatível com o seu planejamento original de estreitamento, margeia o espaço da função original que corresponde a circulação dos moradores. (JACOBS, 2009, pp.5-6, 17) De modo que o exemplar urbano se acha nesta configuração espacial em deposição como residência individualizada e de características singulares do gosto estilístico.

Assim também, observamos que o casarão também sofreu reiteradas modificações, que configuram transformações significativas ao longo do tempo. Estas transformações podem ser observadas a partir de uma comparação, dentro de até quatro períodos específicos: década de 1980, por meio de planta baixa³ existente nos arquivos do 5º Grupamento de Bombeiros de Guarulhos; década de 1990, por meio de fotografia existente no Arquivo Histórico de Guarulhos⁴; final da década de 2000, por meio de levantamento fotográfico denominado “*Abandonos*”, realizado por Rodrigo Barreto; e atualmente, por meio de fotografias de publicidade pelo Ira Paintball, mas fundamentalmente pelo levantamento fotográfico próprio feito para fins de inventário.

3 A cópia da planta nos foi fornecida em tamanho original.

4 Alguns ex-alunos e ex-professores foram localizados, a partir de levantamento feito em antigas comunidades do Orkut, e contatados pelo Facebook. Contudo, não deram retorno, inclusive para fornecimento de fotografias antigas de suas vivências e/ou da caracterização do espaço.

Externamente, até onde é possível se chegar com base no enquadramento da foto mais antiga do casarão, é perceptível no seu entorno – ou nas laterais circundantes –, a mudança apreendida na eliminação das árvores e plantas, configurando uma intervenção no paisagismo do jardim originalmente denso.

Figura 7: Registro fotográfico em acervos existentes: Campo Casarão-Guarulhos



Fonte: Fotografias anexadas à Ficha Descritiva. (Foto: Arquivo Histórico de Guarulhos, 1992; São Paulo Antiga, 2009 /Rodrigo Barreto; Ira Paintball website, s.d.)

Conforme mencionado, existem anexos que foram inseridos posteriormente, para a composição da escola – que nós trataremos no próximo tópico –, modificando o seu espaço primitivo. À esquerda do casarão, existe o ginásio, hoje separado deste por muro de meiação (Fig. 8 / f79). Nos fundos do casarão, o anexo reformado que abrigava as salas de dança, mas hoje abriga a sede do Ira Paintball. (Fig. 8 / f80) À esquerda do casarão, uma construção de um só pavimento, que abrigava a cantina, e que hoje está aparentemente mexida, num procedimento que foi descontinuado, então funcionando outro campo – Dublin. (Fig. 8 / f81)

Figura 8: Mapeamento de patrimônio urbano não-tombado em Guarulhos.



79

80

81

Fonte: Fotografias anexadas em Ficha Descritiva organizada por xxx. (Foto: Acervo Pessoal).

Internamente, foram realizadas aberturas em determinadas paredes, nos dois pavimentos, que levaram ao descarte de parte circunstancial da alvenaria em tijolo (Fig. 9 / f82, f83, f84, f85 e 86).

Figura 9: Mapeamento do patrimônio urbano no perímetro não-tombado.



Fonte: Fotografias anexadas em Ficha Descritiva organizada por xxx. (Foto: Acervo Pessoal).

O forro, provavelmente em estuque, foi removido (FERMINIANO, 2017) (VER Fig. 5 / f64), e assim permaneceu, indicando uma intenção de substituição mediante alguma intenção de reforma. Há ambientes cuja cobertura foi refeita com laje de concreto (VER Fig. 5 / f59), sendo que algumas paredes evidenciam sobrecamada de reboco em cimento (Fig. 10 / f87). No ambiente posterior, duas das quatro aberturas assimétricas, que de acordo com a planta configurava uma área externa, foi fechada por esquadrias basculantes de quatro folhas, de ferro fundido (Fig. 10 / f88).

Figura 10: Mapeamento de patrimônio urbano não-tombado em Guarulhos.



87



88

Fonte: Fotografias anexadas em Ficha Descritiva organizada por xxx. (Foto: Acervo Pessoal).

O piso do pavimento térreo, por sua vez, foi substituído quase que totalmente por uma cerâmica de cor branca, de padrão recente. Em contrapartida, tal cerâmica foi parcialmente quebrada, em diversos pontos, deixando-se exposto o assentado (VER Fig. 5 / f47, f48), e novamente indicando uma reforma inconclusa.

A operação de historiar o bem urbano não-tombado

Numa última etapa do inventário, o estudo compreendeu um cruzamento bibliográfico com depoimentos, com foco das sociabilidades ou as práticas passadas, envolvendo o patrimônio não-tombado analisado. Foram amealhados ao dado, em busca por comunidades e páginas de mídias sociais, relatos informais de diversos personagens que constituíram o circuito social em torno do espaço cultural edificado – proprietários originalmente demandantes, descendentes, moradores locais, do entorno, ex-alunos, e os gestores locais particulares – ocupantes.

O casarão exemplifica o contexto de transformação socioeconômica por que passa São Paulo, num processo que se desenvolve no último quarto do século XIX e se estende ao longo da primeira metade do século XX, que consiste na passagem de uma sociabilidade rural para uma sociabilidade urbana, significada no seu imaginário simbólico por agentes emergentes desta nova configuração: a burguesia do café e os imigrantes. (CRE-MC, p.1)

A demanda desta elite paulista, receptiva a modelos arquitetônicos advindos do exterior – ecléticos (neoclássicos), neocoloniais, art nouveau –, tomada pela ótica

da distinção do morar, por padrões civilizatórios, definindo-se sobre o apelo à compartimentação e especialização dos cômodos, sobre princípios da sociabilidade pública e privada (individual/familiar), denotando tipologias de funções múltiplas, como a que se percebe no casarão na sua função original de residência, dita sala-praça (varanda, sala de jantar, copa, bem como área de distribuição das circulações), se têm complementada com a demanda dos imigrantes, trazendo o intercâmbio das referências do lugar de origem – novos materiais para a construção, como a alvenaria de tijolos, novas tendências de estilos e novas técnicas de agentes como mestres-de-obras e arquitetos –, além de suas próprias ressignificações de situar-se num território distinto, perfazendo-se no interior de um círculo compatriótico, com um luxo de inserção, pretendido na condição burguesa, tendo em vista o "fechado "clã" das antigas famílias brasileiras". (CRE-MC, p.2; BUZZAR, p.5-7; SALMONI, 2007, pp.97-98, 116)

Nesse sentido, o Floreale ou a Arte Nova italiana – décadas 1910 e 1920 –, que denota o casarão no seu estilo (tardio), corresponderia bem a tais propósitos, gerais e implícitos, pela “novidade” representada com o ferro e o concreto – para a perspectiva da industrialização –, e pela própria suntuosidade chamativa no requinte, com os elementos da composição – “guirlandas, cálices, folgas, flores, medalhões, cabeças de mulheres e de animais, inseridos numa projeção de linhas verticais, das janelas altas e estreitas, muitas vezes subdivididas em várias luzes.” (SALMONI, 2007, pp.104, 106, 114)

Por tudo isso, se percebe fundamentando o uso basilar do casarão – residência distinta –, a trajetória de ascensão de uma burguesia revelada a partir dos dois únicos proprietários. A começar por Fioravante Iervolino. De acordo com as memórias de seu neto, Janderson, Fioravante, com filiação italiana e ocupação abastada, se fez como mecânico, galgando chefias como da Ford e de sua própria oficina, ao lado da esposa Adelaide Iervolino, na região da Penha; patenteando o gasogênio, e então galgando sociedades – a Empresa de Ônibus Guarulhos, até a

presidência da Companhia Municipal de Transportes Coletivos (CMTC). Mas ascendendo definitivamente na elite política do município, como interventor (1948), presidente da Câmara de São Paulo (1956), até chegar a prefeito do município (1959). (IERVOLINO, 1979)

Decorrido o registro, em 1956, o casarão foi passado por este em 1970 ao segundo, precisamente advindo de uma família tradicional paulista. Wilson de Almeida Prado, empresário que começou no ramo de jóias e da construção (CONSORCIADOS, 1979), se fez a frente do Consórcio Almeida Prado, sediado no centro, operando no ramo de automóveis; flertando com loteamentos (chácaras de lazer), com o chamado Solar Almeida Prado, em fins da década de 1970 e 1980 (CONSÓRCIO, 1977); e diversificando para a indústria e agricultura, com a ESDIC-Empreendimentos São Dimas Indústria e Comércio. (VARIAS, 1979)

Concorre, porém, num dado momento, a sobreposição desta identidade social da ocupação e do uso sobre o imóvel, a partir de novos agentes, com filiação educacional e, logo, demandando uma apropriação nos termos da tipologia arquitetônica escolar. O casal Sandra Maria Arruda, e Sérgio Saviolli, da área de Matemática, no final da década de 1970, compraram a escolinha de educação infantil Recanto da Petizada, de outra educadora, D. Celina (LUIZA, 2004), e a vincularam em um complexo maior, voltado para o 1º grau – a Escola Professor Juvenal de Campos, particular, logo ascendendo como um colégio tradicional no bairro da Vila Augusta. Um complexo sobre o terreno alugado, a incorporar o entorno deste em cinco blocos – ginásio, salas, setores, ballet/judô, e o próprio casarão.

Nesta nova relação, o casarão passou a ser adequado a uma nova funcionalidade. Conforme explica Ilíada Fermiano⁵, ex-aluna, sobre o casarão: “Era a

⁵ Ilíada, que estudou na Escola Juvenal de Campos no fim da década de 1990, e hoje é advogada, prontamente e unicamente, se propôs de forma pronta e solícita, a colaborar com este estudo,

secretaria da escola..., aquela parte da escadaria levava pra recepção [VER Fig. 5 / f69 e Fig. 9 / f86]... [N]os fundos tinha a diretoria e na parte de baixo tinha a biblioteca [VER Fig. 9 / f84] e a sala dos professores.” (FERMINIANO, 2017) E assim seria possível justificar algumas das adaptações feitas no casarão, e que se mantém, a exemplo de estantes distribuídas entre certos ambientes do pavimento térreo, além de instalações de iluminação com calha lâmpada fluorescente tubular, respondendo, pois, a uma necessidade de ampla luz, algo próprio de um ambiente escritório, ou de estudo.

Figura 11: Mapeamento de patrimônio urbano não-tombado em Guarulhos.



Fonte: Fotografias anexadas em Ficha Descritiva organizada por xxx. (Foto: Acervo Pessoal).

compartilhando suas vivências e memórias sobre o espaço, e demonstrando grande interesse em acompanhar a situação do espaço, a partir das fotos recentes.

Na sequência, a versatilidade da ocupação e do uso do casarão foi reforçada nova vez, em um terceiro momento, começado no início da década de 2000, indo até o ano de 2009, e que implicou, após a desativação da escola, no restabelecimento da sua função original como residência, por um agente tão logo saído do corpo de ex funcionários da escola (ex inspetor) (WILL, 2009), num cuidado, implicitamente, sustentado pelos vínculos anteriores sobre o espaço (memória da escola). Conforme resgata uma moradora que acompanhou este estágio:

O querido Tiozinho, que cuidava da escola, morou lá até o último dia da sua vida, sem receber nada dos antigos donos. Cuidou de tudo como se fosse dele. Há menos de um ano, ainda existiam móveis novos e colchões embalados, que foram retirados da escola pelo Tio Sérgio, Tio Silney e Tia Sandra, pouco antes da morte do Tiozinho. (MORADORA, 2009)

Por conseguinte, o casarão, conforme observou Douglas Nascimento, em artigo sobre o mesmo, em 2009, teria passado por um início de reforma, que poderia explicar os indícios, anteriormente levantados (VER Fig. 3 / f47 e f48; Fig. 8 / f81 e Fig. 10 / f87), e mesmo a coloração da fachada principal (branca), sobrepondo a coloração rosa padrão da antiga escola (VER Fig.3 / f17; Fig. 12 / f93). (NASCIMENTO, 2009) Sobre isso, a mesma moradora das proximidades conta: "Uma pessoa alugou para fazer uma nova escola, começou a reformar e depois viu a enorme dívida de impostos que o imóvel tem em atraso. Desistiu de começar um novo colégio." (MORADORA, 2011)

Figura 12: Registro fotográfico em acervos existentes: Campo Casarão-Guarulhos.



93

Fonte: Fotografia anexada à Ficha Descritiva. (Foto: São Paulo Antiga, 2009)

Finalmente, a partir de 2012, se tem uma reformulação radical da sociabilidade de outros agentes circunscrita no uso do imóvel, com a instalação do Ira Paintball. Sr. Ricardo, e mais tarde, o Sr. Marcelo⁶, pensando-o numa relação cultural, em função do esporte, mas com atrelamento a uma ótica de certa forma comercial e de serviços, para atrair outros públicos, outros extratos. Uma função, pois, que justifica uma ambientação outra em relação a conformação original de residência, com as modificações que hoje se percebe nas paredes, para fins de passagem, como QG das equipes que competem em simulações de confronto, com marcadores de tinta – que seria, a princípio, à base de água (IRA PAINTBALL, 2013) –, bem como a eliminação do jardim, e a dispensa das portas, para expandir a circulação e o rápido movimento dos competidores. Em suma, como define o Sr. Marcelo, toda uma função de uso de um campo ou de um *cenário de guerra*. Em outras palavras, uma apropriação espacial da iniciativa privada por esse ator, o gestor local, que advoga um ambiente cultural do inóspito, de opacidade, sujidade, umidade e esfacelamento.

As relações simbólicas e a representatividade de um bem não-tombado

⁶ Atual dono do Paintball, e quem me recebeu amistosamente para as fotos do casarão, em duas ocasiões: 04/05/2017 e 26/05/2017.

Uma vez que o abarcamento da atividade exercida sobre o patrimônio, embora se sustente na amplitude do público, implicitamente se volta com maior ênfase e/ou frequência para círculos específicos, numa espécie de ambiente vedado, aparentemente isolado. Tal a impressão tida quando da rua observado, envolto de redes e telas que, embora tenham o intuito da proteção dos marcadores, implicitamente perpassam a condição de um ambiente reservado às equipes profissionais, por treinamento e torneios, conforme explicou o Sr. Marcelo. É re-inserido numa função urbana, mas numa relação restritiva com *patrimonializar*, isto é, relacionar a representação social territorializada na comunidade do envoltório. Assim, passa o casarão a um processo de deterioração dos ambientes internos e da conformação externa para este uso mediador do exemplar urbano, numa antítese do ato de preservar.

A tensão sobre este uso empregado pelo ator privado se apresenta na lente dos usuários que, embora não representem o todo, suscitam uma janela sobre os limites da rede de incentivos que sustenta a nova função deste bem edificado na dinâmica urbana do bairro:

Agora neste local funciona o I.R.A. PaintBall. Joguei uma partida lá e fiquei interessado em saber o que existia ali, antes de se tornar um campo de batalha. Fico triste em saber que [...] foi um local de ensino e que tal foi abandonado de maneira triste. Realmente, [...], o prédio está todo destruído, paredes quebradas, vidros e vitrais destruídos e caindo, para tornar o local propício à partida de PaintBall. (FREIRE, 2014)

Ainda também, há as interações ou manifestações de atores da comunidade, com alguma relação – direta ou indireta –, a sustentarem *imagens* em disputa na esfera dos atores urbanos, de *memória afetiva* que significa este lugar do patrimônio, a um valor histórico, sobretudo, no seu referencial escolar do passado. Pablo exemplifica:

É bom rever coisas do passado para que não caia no esquecimento, especialmente quando este casarão é parte muito importante do meu passado. Os anos que estudei no Juvenal de Campos foram muito bons e inesquecíveis. Seria ótimo se esse Patrimônio da cidade também se tornasse imortal, assim como os momentos de muitos alunos que passaram por lá. (PABLO, 2009)

Há, portanto, uma significação muito presente, reverberada para um sentido próximo da empatia local, comunicado pelo referencial de uma *instituição viva* (SOUZA, 2013, p.212), tendo relação com a identidade de determinados grupos sociais, mais ainda como um referencial da história do bairro, pelo que revitalizações do patrimônio urbano não-tombado podem recuperar, como também evocar fissuras.

Considerações finais

Esse texto pretendeu mostrar, a partir da instrumentação de inventário do patrimônio cultural, uma aproximação que punha em lente um exemplar material do cotidiano na sua espacialidade. Dando relevo aos caminhos possíveis de se penetrar, em via da experiência repertoriada, os patrimônios urbanos não-tombados.

Nesse sentido, o estudo de caso sobre o Casarão da Vila Augusta, em Guarulhos, nos permitiu tecer pelo ato de inventariar, uma forma de compreensão e a guarda de uma urbana, remontando os processos que conduziram historicamente permanências e mudanças do exemplar e envoltório. Mas também apropriações, ressignificações, e então os limites, ausências e tensões à efetivação da proteção patrimonial no âmbito público-privado; das disputas evocativas, memoriais, simbólicas e mercantilizadas, em redes individuais e/ou em grupos urbanos, com relações e ações, também discursivas, construídas e interpostas pelas questões de perpetuação na re-função, isto é, na exploração de um bem (não-)salvaguardado pelos mecanismos formais da proteção.

Assim mesmo, o inventário permitiu diagnosticar elementos provocativos em torno de políticas pactuadas, das fissuras de uma proposta de uso que pode (ou não) congrega / conciliar representações sociais de um círculo urbano local.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Maria Paula & LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura. Vol. I – A a I**. São Paulo: ProEditores, 1998.

_____. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura. Vol. II – J a Z**. São Paulo: ProEditores, 1998.

ARQUIVO Histórico Municipal de Guarulhos. Juvenal de Campos (17 nov 1992). In: CAIXA 01 – Bairros (AUGUSTA – Vila). Acessado em: 24 mar 2017.

ATIQUÊ, Fernando. Edifício Esther: impactos dolosos de seu tombamento. **III Seminário DOCOMOMO Brasil (A permanência do moderno)**. São Paulo, 8-11 dez. 1999. Disponível em: <<http://docomomo.org.br/course/3-seminario-docomomo-brasil-sao-paulo/>>

_____. A midiatização da (não) preservação: reflexões metodológicas sobre sociedade, periodismo e internet a propósito da demolição do Palácio Monroe. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 24, p. 152, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142016000300149>.

BARRETO, Rodrigo. Abandonos – Casarão da VI Augusta. Flickr, 31 out 2009. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/montinhu/4629850584#>>>.

BUZZAR, Miguel Antônio. A ideia de uma casa brasileira. **5º Seminário Docomomo Brasil – São Carlos**, out. 2016. Disponível em: <<https://www.scribd.com/document/270720198/A-Ideia-de-Uma-Casa-Brasileira-Miguel-Antonio-Buzzar>>.

CANUTO-SILVA, Aline. Arquivo pessoal. 30 mar 2017.

PIGNATARI, Carlos Alexandre Costa et all. Patrimônio cultural e desafios para as políticas culturais em Guarulhos-SP. **Humanidades & Inovação**, v.7, n.3, 2020. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1411>>
COMMENTS. In: NASCIMENTO, Douglas. Escola Juvenal de Campos. **São Paulo Antiga**, 21 set 2009. Disponível em: <<http://www.saopauloantiga.com.br/escola-juvenal-de-campos/>>.

CONSORCIADOS não perderão. **Jornal da República**, 12 dez 1979. <<http://memoria.bn.br/DocReader/194018/1564>>.

CONSÓRCIO Almeida Prado. **Folha de S. Paulo [Primeiro Caderno]**, 15 out 1977. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/>>.

ECLETISMO arquitetônico – As transformações da cidade e as novas formas de morar. **CRE - Centro de Referência em Educação Mário Covas**. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/hist_casarao_3.pdf >

FERMIANO, Ilíada. Relato. **Facebook (inbox)**. 06 mar. 2017.

IERVOLINO, Janderson. Fioravante Iervolino. In: **É! Ilustres Cidadãos Guarulhenses**. Arquivo Histórico de Guarulhos, s.d.

IRA Paintball. Sobre. **Programa Simples Assim (Andréa Marques)** – Parte 1. 14 jul 2013. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=2rzc50opFL0>>.

IRA Paintball. Sobre. **Programa Simples Assim (Andréa Marques)** – Parte 2. 14 jul 2013. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=9U67U3tSW5A>>.

IRA Paintball Guarulhos. **Campo Casarão & Campo Jublin [galerias]**. 2017. Disponível em: <<http://www.irapaintball.com.br/index.php/galerias/campo-casarao>>.

JACOBS, Jane. Introdução. In: **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, p. 1-26.

JUVENAL de Campos. **Comunidade (Facebook)**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/131351106946786/>>.

JUVENAL de Campos – 191a 1998. **Comunidade (Facebook)**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/364154836991428/>>.

LEI MUNICIPAL Nº 6.573, DE 19 DE OUTUBRO DE 2009. Disponível em: <<http://consultaguarulhos.sinoinformatica.com.br/Arquivos/LeisOrdinarias/06573.html>>.

KEKANTO. **Fotos - Ira Paintball Guarulhos**. Disponível em: <<https://kekanto.com.ar/biz/ira-paintball-guarulhos/fotos>>.

LERNER, Dina. Introdução. **Instituto Cidade Viva**, 2010. Disponível em: <<http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/Introducao.pdf>>

PROCESSO de Segurança Contra Incêndio Nº0383/1982. [PLANTA]. **SAT do 5º Grupamento de Bombeiros**. Acessado em: 24 abr 2017.

PROJETO social do Guarulhense e da Liga Ponto de Encontro ajuda pessoas com transtornos mentais. **Clube Atlético Guarulhense**. 13 abr 2017. Disponível em:

<<http://caguarulhense.com.br/projeto-social-do-guarulhense-e-da-liga-ponto-de-encontro-ajuda-pessoas-com-transtornos-mentais/>>.

NASCIMENTO, Douglas. Escola Juvenal de Campos. **São Paulo Antiga**, 21 set 2009. Disponível em: <<http://www.saopauloantiga.com.br/escola-juvenal-de-campos/>>.

RECANTO da Petizada. **Comunidade (Orkut)**. Disponível em: <<http://orkut.google.com/c7683508-ta7187e9935784e7e.html>>.

SALMONI, Anita; DEBENEDETTI, Emma. **Arquitetura italiana em São Paulo**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. 193 p. (Debates. Arquitetura).

SERRA, Mozart Vitor. Inventário das Fazendas do Ciclo do Café Fluminense: Instrumento de Preservação Patrimonial. **Instituto Cidade Viva**, 2010. Disponível em: <http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/txt_instrumento.pdf>

SOUZA, Rosa Fátima de. Preservação do patrimônio escolar no Brasil: notas para um debate. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 14, n. 26, jan/jun 2013. pp.199-221.

TRANSCRIÇÃO N.28.234 de escritura de venda e compra do 13º Tabelião de São Paulo, Lº1.097 – fl.87, datada de 22/05/1970. **1º Oficial de Registro de Imóveis de Guarulhos**. 12/04/1992.

VÁRIAS. **Folha de S. Paulo [Ilustrada]**, 2 jun 1979. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/>>.

VILA Augusta. **Análise Guarulhos**, v.7 (2016), n.1, jan.-abr., p.23. Disponível em: <http://www.agendegarulhos.org.br/arquivos/Analise_01_2016.pdf>.

VILA Augusta, o melhor bairro de Guarulhos. **Vídeo Imóvel News**, ed. 1400 (2012), mai., p.1. Disponível em: <<https://g6comunicacaodotcom.files.wordpress.com/2012/05/pdf-1400-vila-augusta.pdf>>.